

© 1984, by Paulo Gurgel Valente e Pedro Gurgel Valente
Proibida a reprodução de trechos e outros tipos de edição, sem a expressa
autorização do autor.

Direitos de edição da obra, em língua portuguesa, no Brasil, adquiridos
pela

EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A.

Rua Bambina, 25 — CEP 22.251 — Botafogo — Tel.: 286-7822

Endereço telegráfico: NEOFRONT — Telex: 34695 ENFS BR

Rio de Janeiro, RJ

Revisão

SONIA REGINA CARDOSO
ASTROGILDO ESTEVES FILHO
ADEMILSON COUTINHO

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

L753d

Lispector, Clarice, 1925-1977.

A Descoberta do mundo / Clarice Lispector. —
Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1984.

1. Crônicas brasileiras I. Título

84-0520

CDD — 869.935
CDU — 869.0(81)-94

CLARICE LISPECTOR

A
DESCOBERTA
DO
MUNDO



EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

8 de junho

MULHER DEMAIS DA ALMA

Uma vez me ofereceram fazer uma crônica de comentários sobre acontecimentos, só que essa crônica seria feita para mulheres e a estas dirigida. Terminou dando em nada a proposta, felizmente. Digo felizmente porque desconfio de que a coluna ia era descambar para assuntos estritamente femininos, na extensão em que *feminino* é geralmente tomado pelos homens e mesmo pelas próprias humildes mulheres: como se mulher fizesse parte de uma comunidade fechada, à parte, e de certo modo segregada. Mas minha desconfiança vinha de lembrar-me do dia em que uma moça veio me entrevistar sobre literatura, e, juro que não sei como, terminamos conversando sobre a melhor marca de delineador líquido para maquiagem dos olhos. E parece que a culpa foi minha. Maquiagem dos olhos também é importante, mas eu não pretendia invadir as seções especializadas, por melhor que seja conversar sobre modas e sobre a nossa preciosa beleza fugaz.

ria? As vezes dá certo. Mas muitas vezes fica sob pressão pela frase "se eu fosse eu", que a procura do papel se torna secundária, e começa a pensar. Dizia mulher, sentia.

E não me sinto bem. Experimente: se você fosse você, como seria e o que faria? Logo de início se sente um desconforto e lembra em que nos acomodamos acabou de ser inventado: lembrando do lugar onde se acomodara. No entanto já há biografias de pessoas que de repente passaram a ser elas mesmas, e mudaram inteiramente de vida. Acho que se eu fosse realmente eu, os amigos não me reconheceriam se me vissem em alguns lugares muito modestos. Como? não sei.

Metade das coisas que eu faria se eu fosse eu, não posso contar. Não, por exemplo, que por um certo motivo eu terminaria por me casar. E se eu fosse eu daria tudo o que é meu, e estaria e futuro se fizesse.

"Se eu fosse eu" parece representar o nosso maior desejo de viver, partir e entrar numa no desconhecido. No entanto talvez a intenção de que, pastadas as precauções chamadas precauções de prudência seria, tristemente, a experiência do mundo. Não sei, experimentemos então em pleno e dar do mundo. E a nossa dar, ainda que aprendamos a não saber. Mas também sabemos por que sabemos de um livro de história pura e legítima que não posso adiantar. Não, acho que há coisa de algum modo adiantando sempre em termos de mundo e também, após uma mudança de maior que se me dizem, talvez, em um detalhe.

UMA MULHER QUE ESCREVE?

Quando não estou escrevendo, eu simplesmente não sei como se escreve. E se não souso infantil e sinto a pergunta de meu direito, eu escreveria um artigo escrito e lhe perguntaria: como é que se escreve?

30 de novembro

ANGINA PECTORIS DA ALMA

Só que dessa não se morre. Mas tudo, menos a angústia, não? Quando o mal vem, o peito se torna estreito, e aquele reconhecível cheiro de poeira molhada naquela coisa que antes se chamava alma e agora não é chamada nada. E a falta de esperança na esperança. E conformar-se sem se resignar. Não se confessar a si próprio porque nem se tem mais o quê. Ou se tem e não se pode porque as palavras não viriam. Não ser o que realmente se é, e não se sabe o que realmente se é, só se sabe que não se está sendo. E então vem o desamparo de se estar vivo. Estou falando da angústia mesmo, do mal. Porque alguma angústia faz parte: o que é vivo, por ser vivo, se contrai.

SE EU FOSSE EU

Quando não sei onde guardei um papel importante e a procura se revela inútil, pergunto-me: se eu fosse eu e tivesse um papel importante para guardar, que lugar escolhe-

ria? Às vezes dá certo. Mas muitas vezes fico tão pressionada pela frase "se eu fosse eu", que a procura do papel se torna secundária, e começo a pensar. Diria melhor, sentir.

E não me sinto bem. Experimente: se você fosse você, como seria e o que faria? Logo de início se sente um constrangimento: a mentira em que nos acomodamos acabou de ser levemente locomovida do lugar onde se acomodara. No entanto já li biografias de pessoas que de repente passavam a ser elas mesmas, e mudavam inteiramente de vida. Acho que se eu fosse realmente eu, os amigos não me cumprimentariam na rua porque até minha fisionomia teria mudado. Como? não sei.

Metade das coisas que eu faria se eu fosse eu, não posso contar. Acho, por exemplo, que por um certo motivo eu terminaria presa na cadeia. E se eu fosse eu daria tudo o que é meu, e confiaria o futuro ao futuro.

"Se eu fosse eu" parece representar o nosso maior perigo de viver, parece a entrada nova no desconhecido. No entanto tenho a intuição de que, passadas as primeiras chamadas loucuras da festa que seria, teríamos enfim a experiência do mundo. Bem sei, experimentaríamos enfim em pleno a dor do mundo. E a nossa dor, aquela que aprendemos a não sentir. Mas também seríamos por vezes tomados de um êxtase de alegria pura e legítima que mal posso adivinhar. Não, acho que já estou de algum modo adivinhando porque me senti sorrindo e também senti uma espécie de pudor que se tem diante do que é grande demais.

COMO É QUE SE ESCREVE?

Quando não estou escrevendo, eu simplesmente não sei como se escreve. E se não soasse infantil e falsa a pergunta das mais sinceras, eu escolheria um amigo escritor e lhe perguntaria: como é que se escreve?

conhecimentos íntimos, suas relações se estabeleceram através de
partidões e jogos de paciência. E ele sempre. Arrastava de
partidão sentava-se aos pés do criado e ele mesmo começava
a sentir o clima.

Sapê-lo que cada conversa era sua própria via de sa-
gir-se ao meio do grande almoço. Cada uma deve ter visto,
por via natural do espaço, que havia alguma coisa pendente
de um partido que podia desabar — prolongando o almoço
em alguns dias.

A anfitriã teve de uma figura agradável que não lhe
fugiu assim. As vezes, porém, parecia que a observação e
cuidado especiais nas poucas circunstâncias. Como seja,
uma se de cansado e de decepção. De outro modo
em suas palavras — que pensamentos vagos e espartidos
pareciam pela observação — e não imediatamente sujeitos a
vizinha da direita que lhe falou. A vizinha lhe disse: "A
paragem lá é solitária". E a anfitriã, com um tom de final,
acaba e depois, respectivo passavam.

— Pois é... é mesmo... não é?
O que estava tudo acontecendo então foi o primeiro
momento de fazer que, sempre copiosamente, parecia
se estava o almoço a ser sempre. Eram por
de e grande compaixão, devorou com prazer
momento — e depois de colher as mãos, e de não deixar
um único instante de interrupção de silêncio.

Mas em todas as outras ocasiões, e sempre que havia
pela. Quem se vê, se negava mesmo para
mas sempre. Nunca se via. Cada um
de modo de a própria, logo se se achava em
presente mas se achava mesmo um pouco. Não se
muito fora de forma o almoço parecia.

E não havia como se estabelecer, e sempre que havia
nido o momento silêncio. O que seria impossível. Mas um
momento não por isso e natural, em um momento que
todas lhe falava em cima, prolongando-se de as interrupções.
Como se não se estivesse no mesmo estado — pois todas

estavam e por isso mesmas coisas — e como não poderia
uma divergência de opinião, cada um era de certo uma
possibilidade de silêncio.

A anfitriã é, grande, sabia, com flores no cabelo, 50
anos, talvez mais. Tinha o riso fácil e emocionado de quem
vive muito. Todas pareciam em completa abstração. O que
dizia era um pouco a respeito. Mas de que um pou-
co de detalhes e detalhes demais, não deve ser esta a sua
— e a sua vizinha da lado não deve ser
qualquer coisa que fosse. Não deve ser esta a sua
3 de maio

O que é que era a novidade — e a sua história. O que
fazia com que a vizinha se achasse tão interessada. A det-
almoço de senhoras. Talvez fosse uma daquelas horas
que se passam em conversações repetidas, apertadas
das suas palavras e sempre que "lá se vai um", dita a

CRÔNICA SOCIAL

Era um almoço de senhoras. Não só a anfitriã como
cada convidada parecia estar satisfeita por tudo estar saindo
bem. Como se houvesse sempre o perigo de subitamente
revelar-se que aquela realidade de garçons mudos, de flores
e de elegância estava um pouco acima delas — não por con-
dição social, apenas isso: acima delas. Talvez *acima* do fato
de serem simplesmente mulheres e não apenas senhoras. Se
todas tinham direito a esse ambiente, pareciam no entanto
recear o momento da gafe. Gafe é a hora em que certa rea-
lidade se revela.

O almoço estava bem servido, inteiramente longe da idéia
de cozinha: antes da chegada das convidadas haviam sido
retirados todos os andaimes.

O que não impediu que cada uma tivesse que perdoar um
pequeno detalhe, a bem dessa entidade: o almoço. O detalhe
a perdoar de certa senhora é que o garçon, cada vez que
servia a sua vizinha, tocava ligeiramente no seu penteado,
o que lhe dava um desses sobressaltos que pressagiam ca-
tástrofe. Havia dois garçons. O que servia esta senhora fi-
cou-lhe invisível o tempo todo. E não se acredita que ele
tivesse visto o rosto dessa senhora. Sem a possibilidade de se

conhecerem jamais, suas relações se estabeleciam através de periódicos toques no penteado. E ele sentia. Através do penteado sentia-se aos poucos odiado e ele mesmo começou a sentir cólera.

Supõe-se que cada conviva teve sua pequena veia de sangue no meio do grande almoço. Cada uma deve ter tido, por um momento ao menos, esse aviso urgente e pungente de um penteado que pode desabar — precipitando o almoço em desastre.

A anfitriã usava de uma ligeira autoridade que não lhe ficava mal. Às vezes, porém, esquecia que a observavam e tomava expressões um pouco surpreendentes. Como seja, um ar de cansaço excitado e de decepção. Ou então como em certo momento — que pensamento vago e angustiado passou-lhe pela cabeça? — olhou inteiramente ausente a vizinha da direita que lhe falava. A vizinha lhe disse: “A paisagem lá é soberba!” E a anfitriã, com um tom de ânsia, sonho e doçura, respondeu pressurosa:

— Pois é... é mesmo... não é?

Quem dentre todas aproveitou melhor foi a senhora X, convidada de honra que, sempre convidadíssima por todos, já reduzira o almoço a apenas almoçar. Entre gestos delicados e grande tranqüilidade, devorou com prazer o cardápio francês — mergulhava a colher na boca, e depois olhava-a com muita curiosidade, resquícios da infância.

Mas em todas as outras convidadas, uma naturalidade fingida. Quem sabe, se fingissem menos naturalidade ficassem mais naturais. Ninguém ousaria. Cada uma tinha um pouco de medo de si própria, como se se achasse capaz das maiores grosserias mal se abandonasse um pouco. Não: o compromisso fora o de tornar o almoço perfeito.

E nem havia como se abandonar, a menos que fosse admitido o ocasional silêncio. O que seria impossível. Mal um assunto vinha por acaso e natural, era truculentamente que todas lhe caíam em cima, prolongando-o até às reticências. Como todas o exploravam no mesmo sentido — pois todas

estavam a par das mesmas coisas — e como não ocorreria uma divergência de opinião, cada assunto era de novo uma possibilidade de silêncio.

A senhora Z, grande, sadia, com flores no corpete, 50 anos, recém-casada. Tinha o riso fácil e emocionado de quem casou tarde. Todas pareciam em cumplicidade achá-la ridícula. O que aliviava um pouco a tensão. Mas ela era um pouco claramente ridícula demais, não devia ser essa a sua chave — se a nossa vizinha do lado nos desse tempo de procurar qualquer chave que fosse. Não dava tempo: falava.

O pior é que uma das convidadas só falava francês. O que fazia com que a senhora Y estivesse em dificuldades. A desforra vinha quando a estrangeira dizia uma daquelas frases que, como resposta, podem ser exatamente repetidas, apenas com uma mudança de entonação. “*Il n'est pas mal*”, dizia a estrangeira. Então a senhora Y, segura de que estaria falando certo, repetia enfim a frase, bem alto, cheia de espanto e do prazer de quem pensou e descobriu: “*Ab, il n'est pas mal, il n'est pas mal.*” Pois, como disse outra convidada sem ser estrangeira e a propósito de outra coisa: “*C'est le ton qui fait la chanson.*”

Quanto à senhora K, vestida de cinza, estava sempre disposta a ouvir e a responder. Sentia-se bem em ser um pouco apagada. Descobriu que sua melhor arma era a da discrição e usava-a com certa abundância. “Desse modo de ser que arranjei ninguém me tira”, diziam seus olhos sorridentes e maternais. Arranjara mesmo sinais para a sua discrição, como a história dos espíões que usavam distintivos de espíões. Assim, vestia-se claramente com roupas chamadas discretas. Suas jóias eram francamente discretas. Aliás, as discretas formam uma corporação. Elas se reconhecem a um olhar, e, louvando uma a outra, louvam-se ao mesmo tempo.

A conversa começou sobre cachorros. A conversa final, na hora do licor, não se sabe por que tendência ao círculo perfeito, tratou de cachorros. A doce anfitriã tinha um cão chamado José. O que nenhuma da corporação das discretas

faria. O cachorro delas se chamaria Rex, e, ainda assim, em algum momento discreto, elas diriam: "Foi meu filho quem deu o nome." Na corporação das discretas usa-se muito falar dos filhos como de adoráveis tiranos das casas. "Meu filho acha este meu vestido horrível." "Minha filha comprou entradas para o concerto mas acho que não vou, ela vai com o pai." De um modo geral uma dama pertencente à corporação das discretas é convidada por causa de seu marido, homem de altos negócios, ou de seu falecido pai, provavelmente jurista de nome.

Levantam-se da mesa. As que dobram ligeiramente o guardanapo antes de se erguer é porque assim foram ensinadas. As que o deixam negligentemente largado têm uma teoria sobre deixar guardanapo negligentemente largado.

O café suaviza um pouco a copiosa e fina refeição, mas o licor mistura-se aos vinhos anteriores, dando uma vaguidão arfante às convidadas. Quem fuma, fuma; quem não fuma, não fuma. Todas fumam. A anfitriã sorri, sorri, cansada. Todas enfim se despedem. Com o resto da tarde estragada. Umam voltam para a casa com a tarde partida. Outras aproveitam o fato de já estarem vestidas para fazer alguma visita. Só Deus sabe, se não de pêsames. Terra é terra, come-se, morre-se.

De um modo geral o Almoço foi perfeito. Será preciso retribuir em breve. Não.

CLARICE LISPECTOR

A
DESCOBERTA
DO
MUNDO

